

## **Identidade nacional: Estudo de caso utilizando a rede como conceito no objeto utilitário cadeira**

Virginia Pereira Cavalcanti  
Rafael Antonio Cunha Perrone

### **Abstract**

*Entendendo que o estudo da cultura material de períodos e de povos, revela os índices de sua simbologia e que os artefatos desta, tem o poder de alterar as relações sociais e designar valores hierárquicos da sociedade ao mesmo tempo em que são capazes de expressar o contexto histórico em que estão inseridos; é intenção, discutir a legitimidade da representação da identidade cultural na mobília a partir do estudo de seus elementos de configuração. Considerando os fatores históricos que orientaram, logo após o segundo pós-guerra, um movimento nacionalista que se refletiu, entre outros, também, na mobília, utilizamos o método de abordagem histórico e comparativo, e como instrumento de análise a comparação de códigos visuais entre o elemento de configuração – rede e o objeto utilitário – cadeira. A referência para o estudo, parte então, da cadeira Tripé de autoria de Lina Bo Bardi, estabelecendo comparação com a cadeira Paulistano de Paulo Mendes da Rocha, Poltroninha de Júlio Katinsky, Poltrona Mole de Sérgio Rodrigues.*

### **1. A cadeira: objeto de experimentação de projeto**

A cadeira é um tema aparentemente singelo cuja intenção mais “primitiva” é o simples ato de descansar. Simples, mas carregado de objetivos e informações funcionais, culturais, simbólicas. Diz-se que todo designer que se respeita já projetou pelo menos uma cadeira, mesmo que só no papel. Ela parece ser “o” objeto central de uma angústia projetual que se traduz em coação à repetição. [1]

A expressividade e representatividade deste objeto utilitário, na cultura material, é inegável sob vários aspectos. Historicamente, a cadeira se apresenta como genuína descendente do trono estando fortemente

relacionada à demonstração de poder e sendo representativa da hierarquia que, até mesmo hoje em dia, permanece nas empresas. As características dos elementos de uma cadeira - os paradigmas - estabelecem a diferenciação da posição hierárquica dentro de uma instituição. A mobilidade física e social que a cadeira ganhou, ao longo dos tempos, determinou a mudança que houve desta mobília em relação ao trono.

### **2. A rede: equipamento doméstico dos primeiros povos brasileiros**

Desde que se têm notícias, em meados do século XIX, os relatos sobre os primeiros equipamentos domésticos encontrados no Brasil reportam o uso difundido da rede entre as tribos indígenas nativas. Não à toa, que em seus relatórios nas expedições realizadas ao Brasil, Pero Vaz de Caminha fazia menções à rede descrevendo, inclusive, suas principais características físicas e de uso doméstico. Sabe-se que o primeiro nome, mais primitivo, era “Ini”, um termo encontrado nos relatos dos primeiros expedicionistas e que Cristóvão Colombo a chamava de “hamaca”.

Independente que seja, dos diversos sinônimos atribuídos a sua significação, o fato é que, o principal equipamento de repouso indígena é, sem sombra de dúvidas, a rede, incorporada pela grande maioria das tribos que conheciam a técnica da tecelagem. As redes podiam ser confeccionadas em fios de algodão ou em fibras, entrelaçadas formando tramas “abertas” utilizadas para a pesca ou em tramas “fechadas” à aparência de tecidos. Alguns povos conservavam também o hábito de manter fogo sempre à baixo ou ao lado da rede para garantir o aquecimento durante à noite. (...) *suspendiam-nas por meio de cordas que passavam nos punhos e eram amarradas nas traves horizontais da choça ou nos troncos livres da ocará. O comprimento da rede tupinambá era de dois metros e quarenta centímetros, e a largura de pouco mais ou menos um metro e quarenta.* [2]

Com a chegada dos portugueses e a incorporação destes, ao costume de utilizá-la como equipamento doméstico, além da introdução do tear no Brasil, a produção da rede, até mesmo em pequenas oficinas, difundiu-se amplamente. O interesse no uso da rede não era gratuito, isto porque, este equipamento doméstico permitia múltiplos usos – descansar, sentar, dormir -e ainda, era fácil de transportar por ser dobrável, leve e fresca para um clima tropical como o brasileiro. É bem verdade que as chamadas “macas de repouso” denominadas por alguns historiadores de *catre* ou *leito* [3], serviam também, em algumas tribos como mesa e banco, o que de forma alguma diminuía o volume do uso da rede. No entanto, ao longo do tempo, a rede deixou de ser utilizada para dormir, dando lugar às camas-de-vento e às camas de madeira que começaram a ser produzidas.

### 3. Rede: um conceito de projeto?

A rede é, por significação, um equipamento doméstico cujo uso Maria Cecília Loschiavo afirma, mais transcendeu ao tempo no Brasil [4]. Acrescentaria que, além do papel que desempenha nos espaços interiores, a rede foi o alvo de investigação sistemática de diversos profissionais enquanto elemento da cultura material [5], legitimamente brasileira [6], dotado de atributos ímpares que a distinguiam de outros equipamentos.

Na história do mobiliário brasileiro e, especialmente, a partir do segundo pós-guerra, é possível observar uma tendência em se introduzir, nas peças de mobília, elementos de configuração com características que remontam aos ícones da cultura material brasileira. É contemporânea desta época, por exemplo, a utilização recorrente de soluções projetuais próximas àquelas empregadas originariamente em equipamentos domésticos da cultura popular.

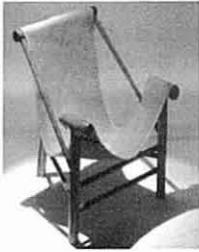
Possuindo características físicas que possibilitam conforto e bem-estar ao usuário, assim como uma estrutura extremamente bem resolvida, a rede logo foi descoberta pelos designers-arquitetos que incorporavam em seus projetos, o resgate dos elementos de configuração característicos de nossas raízes culturais. Acontecia a busca pela identidade nacional, exemplo é a cadeira Tripé, desenhada por Lina Bo Bardi, em 1948.

A semente lançada por Lina e tantos outros designers-arquitetos contemporâneos a este momento histórico, se expandiu ao longo do curso da história do mobiliário no Brasil. É possível notar, o princípio conceitual - rede, sendo utilizado por designers em épocas diferentes, especialmente, quando aplicado ao equipamento doméstico mais expressivo do mobiliário – a cadeira. O princípio conceitual “rede” como aqui o chamamos, é interpretado em épocas diferentes com contextos históricos, sociais, econômicos e formais próprios.

### 4. As cadeiras e a rede

A contextualização da amostragem, partindo da aceitação do índice simbólico – rede – enquanto conceito de projeto, tem a intenção de investigar, sob enfoque específico, um dos elos de formação da identidade nacional constituído a partir do resgate de elementos da cultura material, de reconhecida legitimidade brasileira. Para isto, é necessário considerar que segundo Bonfim, o estudo da figura de um objeto envolve a sintática (forma, material, cor, textura, etc), a semântica (o conteúdo ou a essência do objeto), e a pragmática (objetivos, finalidades, valores). [7] A amostragem selecionada recorre, primeiro, a descrição de sucinto relato da peça, sua contextualização histórica e descrição material, para em seguida, apresentar breve comentário.

**Peça 1 – cadeira Tripé/ 1948**

	Designer:	Lina Bo Bardi (1915-1992)
	Produção:	Studio de Arte Palma, de 1948 a 1950
	Descrição:	Constituída de três pernas em cabreúva encerada ou tubo de ferro e forro solto de lona ou couro, que pode facilmente ser retirado e permite o mesmo movimento ondulante da rede.
	Comentários:	A cadeira Tripé nasceu segundo Lina da rede "um dos mais perfeitos instrumentos de repouso", por sua aderência perfeita ao corpo. A cadeira "Tripé" exprime quase que um misto entre cadeira e rede. Foi uma das primeiras experiências nacionais desenvolvidas com inspiração projetual na rede. Sua estrutura traduz alguns índices do uso deste conceito, por exemplo: o apoio do forro solto em lona que utiliza dois pontos estratégicos conferindo balanço ao assento/ encosto e permitindo perfeita adaptação ao corpo do usuário, com desenho é simples e limpo, o que remete a simplicidade formal da rede.

**Peça 2 – poltrona Mole/ 1957**

	Designer:	Sérgio Rodrigues (1927)
	Produção:	Oca (industrializada - versão desmontável) e (Sérgio Rodrigues Arquitetura Ltda., versão tradicional, desde 1957)
	Descrição:	Composta de estrutura rígida em madeira maciça torneada e encerada, elaborada na técnica construtiva tradicional com cavilhas. Percintas em couro sola, independentes são dispostas de tal modo que botões torneados permitam regular seu comprimento, adaptando a "cesta " às condições anatômicas do usuário.
	Comentários:	Recebeu o primeiro prêmio no Concurso Internacional do móvel em Cantú, Itália, em 1961, onde foi chamada de Sheriff pela firma Isa. A "Poltrona Mole" embora se apresente extremamente diferente das características formais da rede, possui alguns índices de uso do conceito. O mais significativo deles é a capacidade que a poltrona confere de amoldar-se ao corpo do usuário, permitindo o conforto e bem-estar sintomático a rede e, ainda, a mobilidade do encosto/ assento que estando apoiados sobre percintas em couro sola possibilitam o balanço.

**Peça 3 – cadeira Paulistano/ 1957**

	Designer:	Paulo Mendes da Rocha (1928)
	Produção:	Nucleon 8, São Paulo desde 1985
	Descrição:	Confeccionada em aço espiral, tipo de aço muito fino e flexível, pintado em epóxi fosco e com apenas um único ponto de solda, tem capa de lona ou couro.
	Comentários:	Criada originalmente em 1957, para a área junto à piscina do Clube Paulistano, uma versão com rodízios recebeu o primeiro lugar no 1º Prêmio MCB. A cadeira A Paulistano, estruturalmente, permite uma adaptação ao corpo do usuário através da lona de couro solta, que fica suspensa e que veste a estrutura de aço. Esta cadeira apresenta, um balanço que utiliza a propriedade de flexibilidade do material, o aço espiral. Apresenta também, no seu desenho, um diferencial, ao permitir que toda a estruturação do assento/ encosto seja feita por meio de um elemento visual único que faz às vezes de apoio e sustentação da lona, sendo esta característica, responsável pela simplicidade formal extrema do objeto.

**Peça 4 – Poltroninha/ 1959**

	Designer:	Júlio Katinsky (1932)
	Produção:	L'Atelier, de 1959 a 1967
	Descrição:	Constituída por uma estrutura em aço e madeira que apoiam assento e espaldar em couro.
	Comentários:	A cadeira Poltroninha obteve grande sucesso comercial. A "Poltroninha", mantém algumas relações com a questão estrutural da rede. Primeiro, o encosto/ assento em couro, que são apoiados essencialmente nas extremidades conferindo a flexibilidade no sentar, tal qual a rede, que possui, apenas dois pontos de apoio principais. Segundo, o material empregado no encosto/ assento - couro, permite a adaptação ao corpo do usuário, enquanto que, a estrutura em aço e madeira desenvolve um desenho contínuo suprimindo a idéia de pernas e liberando o usuário de quaisquer incômodos provocados por estruturas ou apoios para os braços.

## 5. Análise experimental

Como visto, ao analisar uma amostragem da história do mobiliário brasileiro, pinçada em vários momentos culturais e históricos diferentes, tendo a rede como referência fundamental de projeto, observou-se, que as décadas situadas logo após o segundo pós-guerra apresentavam um tipo de mobiliário que seguia a tendência de buscar a “característica brasileira”. O uso de madeiras, fibras e materiais da terra eram alguns artifícios utilizados para se conseguir esta “brasileidade”, é uma época marcada pela efervescência cultural, política e econômica que possibilitou o desenvolvimento da industrialização no país.

É neste contexto histórico que surge a cadeira “Tripé”, materialidade em que Lina manifesta sua interpretação do conceito “rede”. Intervenção projetual que traz implícita a tendência vivenciada na época, de buscar, na cultura material brasileira, elementos vernaculares portadores de simbologia para utilização no processo projetual. Obviamente, a “Tripé” lança mão de outras características estruturais e formais, a utilização de três pés em vez de quatro, e a própria amarração da estrutura não são novidade, já haviam sido experimentadas em outras ocasiões.

Contemporâneas, a cadeira “Paulistano” desenhada por Paulo Mendes da Rocha e a “Poltrona Mole” desenhada por Sérgio Rodrigues, se apresentam, formalmente, bastante diferenciadas. Nesta época, a industrialização no país começava a ganhar impulso e o movimento moderno ganhava força. A cadeira Paulistano apresenta uma simplicidade e leveza que acabam por se traduzir na pura expressão da elegância formal. Paulo Mendes da Rocha utiliza as propriedades do material para conferir características de resistência e flexibilidade a estrutura, assim como balanço e conforto para o assento/ encosto. Em termos de desenho, permite a leitura de uma estrutura contínua e extremamente delgada que serve tanto como apoio quanto como sustentação da cadeira. Já a Poltrona Mole, apresenta características opostas: robustez e “estética da grossura”. Permanecem o balanço característico da rede e a adaptação do assento e encosto ao corpo do usuário. O conforto está explícito no efeito visual que os almofadões de couro conferem ao conjunto, possibilitando uma sensação extrema de bem-estar.

A “Poltroninha”, desenhada por Júlio Katinsky, também é contemporânea deste período e compartilha dele o uso dos materiais da terra e a simplicidade com o tema rede. Se comparada às outras peças analisadas, a Poltroninha é um misto de elegância e solidez, pois sua estrutura, apesar de delgada, descreve um desenho que a firma visualmente de modo definitivo ao chão.

Em relação à amostragem, alguns aspectos permanecem comuns: a idéia de utilizar o assento/ encosto para permitir o balanço e possibilitar a adaptação perfeita ao corpo do usuário; a utilização de material portador de flexibilidade e maleabilidade para o assento e encosto, especialmente o couro e a lona de algodão; a composição da estrutura, apoiadas em três ou quatro pernas, com ou sem braços.

Nesta abordagem, a idéia principal era mostrar, como o conceito “rede” foi compreendido ao longo da história do mobiliário no Brasil e qual foi a interpretação projetual realizada pelos profissionais nestes diversos momentos históricos.

A rede, como equipamento doméstico e signo simbólico da cultura material brasileira, faz às vezes de elemento de configuração e, pode ser, por isso, entendida como produto do processo de miscigenação cultural característico da formação do povo brasileiro, àquele baseado numa relação de aculturação que envolve três correntes humanas

## Bibliografia

BRANDÃO, Lêda. “Cadeiras: um tema e suas variações”, *Design & Interiores* (São Paulo, 1995) p52.

RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira* (Rio de Janeiro, Editora cebr, 1943) p.87.

Catre é cama de origem oriental, entalhada ou lacada; leito de amarração de madeira, ferro ou outro material, destinada a sustentar os enxergões e colchões da cama. CANTI, Tilde. *O móvel no Brasil – origens, evolução e características*. (Lisboa, Editora Agir/ Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1999) p.255 e 258.

LOSCHIAVO, Maria Cecília. “Rede: um equipamento doméstico de todos os tempos, incorporado à paisagem brasileira” *Design & Interiores*, São Paulo, 40, 7. p.109.

A cultura é convencionalmente dividida em material (ergológica) e não material. A primeira abrange o conjunto de todas as objetivações materiais (artefatos); a segunda consiste em todas as maneiras de sentir, pensar e agir, padronizadas e socialmente aprovadas. É preciso frisar, porém que a separação não existe de fato; a sua única justificativa reside em necessidades metodológicas. *Dicionário de sociologia*. Rio Grande do Sul, Editora Globo, 1963.

Segundo Nelson Werneck Sodré, de modo geral, a cultura brasileira autêntica está na incorporação dos valores autênticos da cultura universal, aquilo que é patrimônio do homem, aos valores específicos, e particulares, portanto, da cultura popular brasileira. SODRÉ, Nelson Werneck. “*Cultura nacional: esmagada, mas viva.*” Escrita Ensaio Cultura Brasileira. (São Paulo, Editora Abril, 1977) p.20,21.

BONFIM, Gustavo Amarante. “Sobre a possibilidade de uma teoria do Design,” *Estudos em Design*, 2, 2, 1994, (Anais P&D Design 94).

Virginia Pereira Cavalcanti

Av. Angélica 546 Apto.176 Higienópolis São Paulo Brasil 1228000, tel/fax 55(011) 36614234, virginilacavalcanti@ig.com.br, Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Design, Cidade Universitária s/n Pernambuco, Brasil.

Rafael Antonio Cunha Perrone

Rua Joaquim Antunes 767 Pinheiros São Paulo Brasil 05415012, tel/fax 55(011) 30643037, perronearq@uol.com.br, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Rua do Lago 876 05508900 São Paulo Brasil.

